

PENSANDO COM SABA MAHMOOD: APRESENTAÇÃO

THINKING WITH SABA MAHMOOD: A PRESENTATION

*Michael Allan
Bruno Reinhardt¹*

INTRODUÇÃO: SOBRE AMOR E TRABALHO

Em 28 e 29 de março de 2017, acadêmicos de diversas partes do mundo se reuniram no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, para refletir sobre alguns conceitos-chave dos escritos de Saba Mahmood. O objetivo não era simplesmente responder ao seu trabalho, mas engajar-se e pensar através dele, e assim conectar diferentes gerações de estudantes que aprenderam com Saba ao longo de seus anos de pesquisa e docência. De *Politics of Piety a Religious Difference in a Secular Age*, Saba forjou métodos que tocaram o nervo da análise da política, da história, da religião, do gênero, e da sexualidade. Ela produziu modelos — em sua produção acadêmica, assim como em seu ensino — comprometidos com questões candentes para as sensibilidades políticas de nosso tempo e demonstrou a importância profunda do conhecimento histórico, cultural e linguístico. Em seus escritos, conceitos teóricos emergiram da análise crítica de disciplinas e práticas situadas no tempo e no espaço, sejam eles os movimentos sociais do Egito dos anos 1990 ou as tradições jurídicas Otomanas. O amplo apelo de seus seminários derivava de sua atenção a campos contemporâneos de investigação e da abordagem crítica que ela

¹ Michael Allan é docente do departamento de Literatura Comparativa da Universidade do Oregon, Estados Unidos. E-mail: mallan@uoregon.edu. Bruno Reinhardt é docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: bmnreinhardt@gmail.com. Ambos são organizadores do dossiê.

oferecia, nos desafiando em sala de aula e em conversações pessoais sobre nossos trabalhos. Em cursos cujos tópicos se estendiam de “Liberalismo e Secularidade” a “Políticas da Liberdade Religiosa”, de “Diferença pós-colonial na Era Secular” a “Antropologia da Violência e da Esperança”, Saba nos encorajava a pensar para além das intuições do senso comum e a questionar os protocolos que asseguram nosso pertencimento a imaginários políticos específicos. Apesar das diferentes direções para as quais fomos levados, cada um de nós parece ter internalizado muitos dos compromissos duradouros que Saba nos ajudou a cultivar.

Como transparece em alguns dos comentários que seguem, Saba tinha um estilo próprio de relacionar-se com seus estudantes, uma pedagogia aparentemente contraditória, que aliava crítica e paixão em doses igualmente intensas. A crítica convencionalmente implica em distanciamento reflexivo, na submissão das ideias a um frio teste de coerência, um bombardeamento impessoal dos argumentos em seus fundamentos históricos, etnográficos e lógicos, representando talvez o momento mais hierárquico e tenso da relação entre professor e aprendiz. Por sua vez, a paixão caminha na direção contrária, dissolvendo tal hierarquia e produzindo uma identificação absoluta entre aqueles que amam o conhecimento mais do que a si mesmos, e que nesse amor encontram sua vocação e sua política. A veia crítica rigorosa e amorosa de Saba nos legou não apenas conhecimento, mas também um modo de aprender a aprender em que distanciamento reflexivo e aproximação passional não apenas se complementam, mas também sanam suas deficiências. Considerando a centralidade do tema da pedagogia e da exemplaridade para a antropologia de Saba, pode-se dizer que aqui não apenas professor e aprendiz, mas também vida e obra se encontraram.

É interessante recordar que, quando Michael Allan e Judith Butler inicialmente abordaram com a ideia de reunir diferentes gerações de seus estudantes, Saba rejeitou qualquer possível celebração de seu trabalho. Ela queria explicitamente evitar um *festschrift*, uma comemoração estática de sua obra, ao invés de um engajamento com a disposição crítica que tanto valorizava. Mesmo quando o nosso planejamento avançava, seu temor sobre

esse evento permanecia, e ela nos encorajava a imaginar outros formatos de interação para além de uma conferência convencional. Saba sempre valorizou as possibilidades que emergem do engajamento criativo e das interações que surgem em torno da leitura e da reposta coletiva a textos. Abraçamos suas preocupações e começamos a especular sobre formatos que nos permitiriam evitar o show de autopromoção das apresentações acadêmicas, em que um apresentador após o outro publiciza projetos separados. Por fim, Saba estava convencida de que o evento seria menos uma olhada retrospectiva sobre seu trabalho acadêmico e mais um tributo prospectivo para as múltiplas direções tomadas por seus estudantes. E assim foi e acadêmicos do campo da religião, da política, do gênero, da literatura, da performance e do direito vieram de diversas partes do globo para pensar em conjunto sobre a sobrevivência das contribuições críticas de Saba.

Durante dois dias em março, reavivamos o estilo de debate e conversação que tanto viemos a valorizar nos seminários de Saba. Tínhamos em mente um formato que sublinhava a inspiração de sua obra para um amplo campo de disciplinas acadêmicas, geralmente tomando o secularismo e a secularidade como um ponto de inflexão para o entendimento crítico da política, da sociedade e da cultura. Ao invés de termos indivíduos focando em seu próprios trabalhos, dividimos os participantes em grupos reunidos em torno de palavras-chave, que orientam a totalidade da obra de Saba. A finalidade era facilitar o tipo de pensamento coletivo que seus seminários inspiravam e a atenção que Saba dedicava a conectar estudantes de diversas gerações, que atenderam seus cursos em Chicago, Harvard e Berkeley. Como verão a seguir, dividimos os participantes em torno de cinco palavras-chave: religião e política; minorias; incorporação; ética e hermenêutica. Cada um dos grupos temáticos se reuniu por duas horas, como uma oportunidade para dialogar sobre a carreira do conceito que lhe foi atribuído, tanto em seus trabalhos pessoais quanto no de Saba, e passamos o tempo restante juntos em uma conversa coletiva facilitada por cada um desses grupos.

Esse dossiê representa apenas uma amostra deste evento original e reflete o impulso crítico das conversações que travamos. Os vários ensaios

curtos aqui selecionados visam forjar caminhos e antecipar direções para investigações futuras, e atestam para um presente de despedida que Saba nos deixou: um conjunto de amizades e de conexões intelectuais. Se, como acadêmica, Saba forneceu modelos e métodos através das páginas de seus escritos, então, como professora, ela nos ofereceu algo além: uma promessa para o trabalho continuar através das amizades que ela fez possível e a inspiração que legou para gerações de estudantes. Seja ou não intencional, esse evento serviu o propósito de conectar muitos de nós, que aprendemos e nos beneficiamos tão ricamente com Saba. E a nossa esperança é que os ensaios aqui compilados joguem luz tanto sobre suas contribuições passadas quanto sobre as direções futuras que seu trabalho possibilitou. Um dos exemplos que testemunha para o potencial destas contribuições é o ensaio de Judith Butler, posteriormente adicionado a este dossiê e traduzido por Letícia Cesarino. Nele, Butler dialoga de maneira criativa com as teses de Saba sobre secularismo, religião e família no Egito tendo em vista refletir sobre um problema atual e candente: a popularização global do que chama de “ideologia anti-gênero”.

Seria negligente ignorar as circunstâncias que cercaram este evento. Era sabido, na época de nosso encontro, que os dias de Saba estavam contados e ela estava consciente de que provavelmente não teria outra ocasião de nos rever pessoalmente. Sendo assim, no último dia do evento, depois da última conversa em torno das palavras-chave, Saba falou durante uma hora, de forma a dar fechamento às discussões que antecederam. O que poderia ter sido uma resposta acadêmica assumiu um tom notadamente distinto. Ela leu em voz alta uma narrativa em que refletia e rememorava sua conexão com cada um de nós individualmente, e terminou, como frequentemente fazia, com um poema de Faiz Ahmad Faiz, “Ku’ch Ishaq Ki’ya Ku’ch Kaam Ki’ya”.

Those were very fortunate people,
Who considered Love an obligation,

Or they just loved their task,
I remained busy all my life,

Loved a little, worked a little,
Sometimes love was a snag in the way
of my work,
While sometimes duty didn't allow me
to love with passion,
Ultimately I got upset of the situation,
And left both my love and my work
incomplete.

Aquelas eram pessoas bem afortunadas,
Que consideravam o Amor uma
obrigação,

Ou eles apenas amavam a sua missão,
Já eu, permaneci ocupado por toda
minha vida,

Amei um pouco, trabalhei um pouco,
Algumas vezes o amor foi um obstáculo
para o meu trabalho,
Enquanto em outras, o dever não
me deixou amar com paixão,
Por fim, eu me cansei daquela situação,
E deixei tanto meu amor quanto
meu trabalho incompletos.

Recebido em: 28/10/2019

Aprovado em: 28/10/2019

